

> Alberto Caeiro: da experiência à tranquilidade

> Alberto Caeiro: from experience to tranquility

por José Manuel Heleno

Doutor em filosofia pela Universidade de Lisboa. E-mail: jmmheleno@gmail.com.
ORCID: 0000-0003-2272-1987.

Resumo: A originalidade da “filosofia” de Alberto Caeiro, o heterónimo de Fernando Pessoa, assenta numa forma de sentir. Se pensarmos que uma filosofia exprime ideias e apenas ideias estaremos equivocados, o que ela exprime, como provavelmente todas as filosofias, *são pensamentos que se sentem*. Também a tranquilidade que se propaga aquando da leitura dos seus poemas é a suprema verdade da sua “filosofia”. Caeiro insiste que a lição mais difícil é ser capaz de ver o que se mostra na realidade, o que é visível na sua visibilidade.

Palavras-chave: Experiência. Pensamento. Realidade. Tranquilidade.

Abstract: The originality of Alberto Caeiro’s “philosophy”, the heteronym of Fernando Pessoa, is based on a way of feeling. If we think that a philosophy expresses only ideas we are wrong. What it expresses, as probably all philosophies, are *thoughts that are felt*. The tranquility that spreads when reading his poems is also the supreme truth of his “philosophy”. Caeiro insists that the most difficult lesson is being able to see what is shown in reality, what is visible in its visibility.

Keywords: Experience. Thought. Reality. Tranquility.

> Artigo recebido em 10.10.2022 e aceito em 25.04.2023.

1. A Experiência pura

Pode a noção de experiência pura, tal como a defende o filósofo japonês Kitarô Nishida em *Indagação sobre o bem* (1911),¹ ajudar a compreender a poesia de Alberto Caeiro, o heterónimo de Fernando Pessoa, de forma ampla e até inesperada? Relembremos que a “experiência pura” é a experiência direta, formada antes de qualquer juízo, prévia a qualquer distinção entre sujeito e objeto. Kitarô, neste seu primeiro livro, tenta mostrar como a “experiência pura” é a causa de todos os fenómenos mentais e que se trata, precisamente, de recuperar essa experiência simples, imediata, que antecede qualquer pensamento, de tal forma que aquilo que é puro na experiência deixará de existir se tentarmos pensar ou formular juízos.

Deste modo, uma experiência pura não tem nenhuma significação, é “simplesmente consciência dos factos tais como são”². E Kitarô acrescenta: “Na perspetiva da experiência pura, todas as experiências são pois diferentes e em cada caso são simples e originais”³. Se as experiências puras se vão sucedendo, compreende-se que o presente assuma um papel crucial. Tudo o que se dá (memórias, expectativas...) dá-se de forma direta e unificada num presente. Quer seja uma experiência interior ou exterior, é experiência porque possui uma unidade, cabendo à vontade a capacidade de alterar as múltiplas experiências puras que se vão sucedendo em nós.

Partindo da *Indagação sobre o bem*, poderíamos então dizer que Caeiro quer aludir à experiência imediata. Nishida considera que os factos da experiência pura são a base dos juízos e que a atividade do pensar é uma “classe de experiência pura”⁴. Deste modo, e de acordo com o filósofo japonês, “pensar é determinar relações entre representações e unificá-las”⁵. A experiência pura corresponde a uma intuição e está, por isso, para além da atividade dos conceitos. Daí que nos advirta constantemente: é preciso atender à experiência e não cair no engodo de explicar, como se existisse um ver prioritário a qualquer pensar. Ora, será possível esta doação intuitiva da experiência?

¹ Kitarô Nishida, *Indagación del bien*, 1995.

² Kitarô Nishida, *op.cit.*, p. 42

³ *Ibid.*, p. 43.

⁴ *Ibid.*, p. 51.

⁵ *Ibid.*, p. 50.

Heidegger, num ensaio conhecido (*Que significa pensar?*), lastimava que não aprendemos ainda a pensar, ou seja, que é necessário aprender a pensar de outro modo. Ora, poderemos invocar este ponto de vista com o intuito poético de, não tanto deixar de pensar mas, ao desaprende-lo, pensar de outro modo? Como diria Nishida, numa perspectiva que se diria “caeiriana”, “o movimento do pensar dá-se em virtude de certas imagens mentais concretas e sem elas não pode realizar-se”⁶. E ainda:

O pensar é a resposta da consciência a uma imagem mental, e a imagem mental é o primeiro passo do ato de pensar: pensar e imagens mentais não são coisas separadas⁷.

2. Pensar

O poeta convida-nos de facto a sentir como ele sente, ou seja, quer mostrar que há outras formas de olhar o mundo, como exemplificam os versos que se seguem: “Sei ter o pasmo comigo / O que teria uma criança se, ao nascer, /Reparasse que nascera deveras ...”⁸. Este espanto, mais do que ser “traduzido” pela sua consciência, assumiria antes a *presença* plena no próprio sujeito. Se evitamos usar a palavra consciência é porque não nos parece adequada para interpretar o “sentir” de Caeiro. Como veremos posteriormente, a linguagem tem um peso que não se coaduna com a leveza que Caeiro pretende transmitir. Embora se sirva de palavras simples, as palavras de todos os dias, é preciso refrescá-las e, uma vez mais, desdizê-las e/ou refazê-las no ato mesmo de as enunciar.

Se pensar é não compreender; “é estar doente dos olhos”⁹, será possível olhar para o mundo e vê-lo sem pensar? Que nos propõe Caeiro? Há uma série de poemas que insistem que pensar é deixar de ver aquilo que o mundo tem “em si”. O poeta atreve-se a dizer que é possível um olhar que nos dê o mundo na sua espontaneidade e, ao fazê-lo, recusar o pensar, precisamente aquilo que se

⁶ *Ibid.*, p. 52

⁷ *Idem.*

⁸ Fernando Pessoa, *Obra Completa de Alberto Caeiro*, 2016, p. 33.

⁹ Fernando Pessoa, *op. cit.*, p. 34.

tornaria um obstáculo para essa visão. Mesmo que também afirme, no conjunto de poemas intitulado “O pastor amoroso”, que “amar é pensar / E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela”¹⁰, o certo é que o pensar é, a maioria das vezes, encarado com suspeita. A não ser que os pensamentos sejam tidos como uma espécie de sensações e queiram escapar ao mero cálculo ou racionalidade restrita como alguns insistem em defini-los.

No entanto, a “desconfiança” em relação ao pensamento não faz com que o poeta defenda que possam existir outros tipos de pensamentos que possibilitariam traduzir o olhar na sua pureza (e também, claro, que se pudesse pensar de forma “pura” a realidade). Caeiro diz-nos, amiúde, e de forma radical, que dispensa qualquer tipo de pensamento – o que é, convenhamos, um absurdo. De facto, o atrevimento de Caeiro não passa de um desafio aos leitores: ele pede que se veja/sinta de outro modo e excede-se na linguagem para despertar o próprio leitor. Caeiro também diz, algumas vezes, que pensar é “ficar menos feliz”¹¹; é “fechar os olhos”. Há, assim, boas razões para considerar que a poesia de Caeiro se ergue, não contra esta ou aquele forma de pensar, mas contra o pensar em geral, como se este impossibilitasse o acesso às “coisas mesmas”, para nos servirmos de uma expressão husserliana. Pensamos que o êxito da poesia de Caeiro vem desta forma de encarar o pensamento e afastar-se das fragilidades e equívocos que lhe são consubstanciais.

Com efeito, tudo se passa como se Caeiro quisesse ver o que está por detrás do pensamento (das ideias); como se tudo o que pudesse ser oferecido pelo mundo, na sua nudez, fosse prévio ao pensamento (a qualquer um). Ora, que efeito retórico é este capaz de encantar tantos leitores? Uma das ideias é a forma brutal com que o real pretende ser apresentado, ou seja, o mundo dá-se ao olhar, de forma simples e absoluta. Quando Caeiro nos diz que “a luz do sol vale mais que os pensamentos / De todos os filósofos e de todos os poetas”¹², o que é importante é esta presença do real e das coisas que o assinalam. Trata-se, retomando uma expressão de Merleau-Ponty, de uma espécie de ontologia selvagem – ontologia indireta que exige um acesso às coisas radicalmente

¹⁰ *Ibid.*, pp. 79-80.

¹¹ *Ibid.*, p. 37.

¹² *Idem.*

diferente. No entanto, até esta expressão, comprometida com os filósofos e os pensamentos, pode ser imprópria. Na verdade, o que se pretende é pura e simplesmente que se olhe para as coisas e se sinta. Compreendemos que, do nascer ao morrer, é essa presença do mundo que pode acontecer (e acontece) sem que nenhum pensamento ou ideia a altere.

A brutalidade com que as coisas se dão ao olhar indica a sua inocência. E a que alude a inocência? Que as coisas se dão, sem mais, e que nada sabem das outras coisas nem sequer delas próprias. Veiculando pensamentos que se aparentam aos da tradição budista, Caeiro insiste que as coisas têm uma estranha liberdade de ser, como se existir fosse dar-se ao mundo por si próprio, aparecer na cena do mundo sem que nada se saiba sobre o que aparece nesse mesmo mundo. Chama-se inocência a esse modo de ser, essa ignorância (de si e dos outros) que significa também pureza, uma forma de aparecer sem mais que se dá sem se atender aos outros. Aquilo que é é o que é. Aparece na cena do mundo e impõe-se à nossa atenção. Tem que ser inteiro/intenso e único para que seja o que é. Se não fosse assim não seria o que é. Esta feroz brutalidade do que é, na sua individualidade, é mostrada pela inocência do olhar, isso que precisa de ser revivido se quisermos aceder a esta experiência.

É então “natural que não se pense”. Ou até: “Pensar em Deus é desobedecer a Deus / Porque Deus quis que o não conhecêssemos, / Por isso se nos não mostrou”¹³. Há, por conseguinte, contextos em que não pensar significa que não se tem que relacionar as coisas umas com as outras. Se pensar é relacionar (conceitos, argumentos, etc.), não pensar é deixar que cada coisa tenha liberdade de ser o que é.

Que pensará o meu muro da minha sombra? / Pergunto-me às vezes isto até dar por mim / A perguntar-me coisas .../E então desagrado-me, e incomodo-me / Como se desse por mim com um pé dormente¹⁴.

De tal forma é intensa a visão de Caeiro que o paradoxo espreita em alguns do seus versos. Por exemplo: “Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa”. A linguagem esforça-se para dizer algo que a própria linguagem

¹³ *Ibid.*, p. 40.

¹⁴ *Ibid.*, p. 63.

não permite que se diga, pois “a boca quando fala diz coisas que não há nas palavras”¹⁵.

O que impressiona em Caeiro é então a noção de pensar e essa forma de sentir tranquila, como se aquele que sente “estivesse distraído”. O facto de o pensar assinalar limites, como se se desdissesse; como se o próprio poeta se visse a pensar e brincasse com esses pensamentos, desconfiado como era das ideias em face da “exterioridade absoluta”. O pensar é uma espécie de salto que tem o seu quê de inútil em face da realidade – esta, tal como a rosa, floresce sem porquê. E do princípio ao fim da nossa vida a única verdade é que a realidade não precisa de nós. Se o pensar parece revoltar-se contra isso e penetrar “mais fundo” na realidade é, precisamente, a partir desse intuito, dessa “essência”, que mostrará o que é. “O poeta quer “pensar sem esforço”; pensar “sem pensamentos”¹⁶. O absurdo de querer pensar sem pensamentos resulta de alguém que pensa sem esforço, com naturalidade. Os pensamentos surgem sem se dar conta de que o são. Uma vez mais o pensamento parece que se anula no ato de se manifestar. Noutro poema diz a certa altura: “Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento. /Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais”¹⁷.

O pensar enquanto interpretar é sempre doentio. Se quisermos pensar o mundo interpretando-o, tentando compreender o que significa esta ou aquela realidade, acabarão por suceder nomes e juízos, ideias e imagens. Ora, esse entrelaçar, longe de nos dar a coisa afasta-nos dela, justamente porque deixa de ter a impressão que reside na forma brutal como se dá (a exterioridade absoluta). Pensar é querer passar para além da realidade imediata e Caeiro nunca quer passar “para além da realidade imediata. / Para além da realidade imediata não há nada”¹⁸.

¹⁵ *Ibid.*, p. 79.

¹⁶ *Ibid.*, p. 92.

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ *Ibid.*, p. 94.

3. Um pensar que é sentir

Num texto atribuído a Álvaro de Campos¹⁹, este afirma que “aquilo que adora nos versos” de Caeiro “não é o sistema filosófico que me dizem que se pode tirar de lá. É o sistema filosófico que *não se pode* tirar de lá”²⁰. De facto, se considerarmos Caeiro enquanto “pensador” deparamos, aparentemente, com essa impossibilidade, como alguém que alude ou acena a um sistema filosófico mas que, por incapacidade ou desinteresse, nosso ou do próprio Caeiro, não se consegue extrair das suas poesias. Se esta pode ser uma interpretação plausível, parece mais acertado dizer, como Álvaro de Campos, que não se pode tirar de facto nenhum sistema filosófico dos seus versos. Contudo, se é consensual falar-se na filosofia de Caeiro; se numa das primeiras reflexões de fôlego sobre a sua obra defendia-se que havia dois Caeiros, “o poeta e o pensador, sendo o primeiro que em teoria se desdobra no segundo”²¹, não haverá então uma contradição?

O intuito da nossa reflexão é a defesa paradoxal que existe uma filosofia na poesia de Caeiro que assume a dificuldade ou impossibilidade de se expressar. Ora, se assim é, deparamos com um paradoxo cruel, se não mesmo uma incongruência lógica, ou seja, se há filosofia ela terá que ser enunciada, pois, jamais existirá uma filosofia que não se consiga enunciar (à semelhança de Hegel ao dizer que se há um pensamento que não se consegue exprimir então não é um pensamento).

O que tentaremos defender é justamente este estado de tensão, como se só soubéssemos que existe uma filosofia, uma forma de pensar radicalmente diferente, não pelo que é dito mas por aquilo que se acena ou se alude ao dizer. Caeiro sabe que não pode exprimir a sua “filosofia” sem ser de modo poético. Ao fazê-lo conduz-nos às margens de um dizer e acena para o que é difícil ou impossível de pensar. Se esta atitude parece estranha e ilógica, é nisso, justamente, que reside a sua singularidade.

Regressemos ao texto de Álvaro de Campos. Este discípulo de Caeiro admite que os versos do mestre não o fazem pensar, mas sim “sentir as coisas

¹⁹Fernando Pessoa. *Prosa de Álvaro de Campos*, 2012., pp.38 e sgs.

²⁰*Idem*, p. 38.

²¹Jacinto de Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 1987, p. 23.

como se estivesse olhando para elas com um grande interesse e atenção”²². E, claro, de acordo com a perspectiva sensacionista que defende, reafirma a novidade das poesias de Caeiro precisamente por ser uma poesia de sensações – mas de sensações nossas, de cada um de nós, individualizadas, únicas, capaz de nos darem diretamente as próprias coisas. Trata-se da única poesia possível: a individual, aquela que tem a ver com o próprio indivíduo e toda a poesia só pode ter a ver com o que singulariza o indivíduo. Aliás: “A poesia existe para exprimir aquilo que as ações e os gestos não podem exprimir”²³. Se o individual se pode exprimir pode então ser compreendido. Mas compreendido como? Não dissemos já que a “filosofia” de Caeiro não se conseguia exprimir? Aliás: como pode haver uma filosofia se aquilo que é, em princípio, a sua essência, é negado por Caeiro? Dizer que “com filosofia não há árvores; há ideias apenas”²⁴, mostra esse afastamento radical e essa espécie de curto-circuito entre filosofia e realidade.

No entanto, a singularidade desta filosofia é que aquilo que se exprime e se pode compreender – mesmo que seja a expressão de um indivíduo – é o que se sente, ou seja, todo o dizer é uma forma de sentir e, se não se sente, não se compreende. A originalidade da “filosofia” de Caeiro, o seu pensamento assenta então num outro tipo de expressão, ou seja, numa forma de sentir. A sua peculiaridade reside nessa forma de sentir e exprime-se desse modo. Se pensarmos que uma filosofia exprime ideias e apenas ideias estaríamos equivocados. O que ela exprime, como provavelmente todas as filosofias, *são pensamentos que se sentem* e, se assim não for, não são filosofias. O que é crucial é então o sentir e é esse o âmago do pensamento filosófico de Caeiro. Álvaro de Campos, o viajante, pode então dizer no término do seu texto:

Quero, para aproveitar a minha viagem, sentir o maior número de coisas no mais pequeno espaço de tempo possível. Sentir tudo de todas as maneiras, amar tudo de todas as formas, tocar e ver coisas e não lhes pegar, passar por elas e não olhar para trás – parece-me o único destino digno de um poeta²⁵.

²² Fernando Pessoa, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 38.

²³ *Ibidem*, p. 39.

²⁴ Fernando Pessoa, *Obra Completa de Alberto Caeiro*, op., cit., p. 118.

²⁵ Fernando Pessoa, *Prosa de Álvaro de Campos*, op., cit., p. 40.

Importa perguntar o que é então este pensar que é sentir ou esse sentir que é pensar. Que significa isto?

Num texto datado de 1915 sobre o sensacionismo²⁶, pergunta-se o que é sentir. E responde-se:

Sentir é pensar sem ideias, e por isso sentir é compreender, visto que o Universo não tem ideias. Ter opiniões é não sentir. Todas as nossas opiniões são dos outros. Pensar é querer transmitir aos outros aquilo que se julga que se sente²⁷.

E mais à frente escreve-se ainda: “O sentimento abre as portas da prisão em que o pensamento fecha a alma”. Sentir é, por conseguinte, uma maneira de ter acesso ao Universo de outro modo, justamente o que nos abre para ele e nos permite acolhê-lo. O sentir é uma espécie de dádiva: damo-nos ao mundo e somos mundo por isso, porque também o próprio mundo se dá a nós. Esta mútua dádiva é o que acontece, ou seja aquilo que permite compreender o dito de Pessoa: “Sê sempre imprevisto para ti próprio. Acontece-te perante ti próprio”²⁸. O sensacionismo é essa forma de nos atermos perante nós próprios. Em vez de nos fecharmos na alma, sentimos e abrimo-nos ao mundo.

4. Realidade e tranquilidade

Para compreender a noção de realidade para Caeiro as noções de materialismo, paganismo ou sensacionismo podem não apenas revelar-se insuficientes como impeditivas de uma compreensão efetiva. Sabemos que o mestre Caeiro foi pretexto para que tanto os heterónimos de Pessoa como o próprio Pessoa escrevessem prefácios, artigos e inúmeras reflexões sobre o que havia de inesperado e de novo na sua poesia. Ora, ao interpretarem e compreenderem a sua poesia, conceberam o que havia de radicalmente diferente na perspetiva do mestre. Daí as expressões referidas: Caeiro seria o poeta materialista por excelência, pois falaria da natureza como ninguém o tinha feito;

²⁶ Cf. Fernando Pessoa, *Teoria da Heteronímia*, 2012.

²⁷ *Ibid.*, p. 165.

²⁸ *Ibid.*, p. 167.

seria o próprio paganismo na forma como via a natureza e seria, também, o argonauta das sensações verdadeiras, como se fosse isso o essencial da sua poesia. Quanto a nós, tais conceitos, mais do que nos ajudarem a compreender o olhar de Caeiro, podem reafirmar aquilo que a sua poesia põe em causa. Por exemplo: num texto manuscrito, supostamente uma entrevista, ao ser interrogado se é um materialista, Caeiro responde que não é

nem materialista, nem deísta nem coisa nenhuma. Sou um homem que um dia, ao abrir a janela, descobriu essa coisa importantíssima: que a Natureza existe. Verifiquei que as árvores, os rios, as pedras são coisas que verdadeiramente existem. Nunca ninguém tinha pensado nisto²⁹.

Tudo indica que Caeiro quer surpreender o mundo na forma como se dá, de imediato, ao olhar. “Eu nem sequer sou poeta: vejo” – afirma³⁰. A *realidade é dada diretamente*, embora dotada de um fulgor que lhe é consubstancial, ou seja, aquele que olha a realidade sente a sua singularidade, oferecida como uma forma peculiar de sentir. É essa sensibilidade que os leitores de Caeiro experimentam; essa forma de o mundo se dar ao olhar e aceitá-lo como é, ou seja, na limpidez da sua realidade, forma primeira de aceder às coisas. Nem a própria natureza, tantas vezes referida, escapa à interrogação cada vez que se pretende conceptualizá-la.

Vi que não há Natureza, / Que Natureza não existe, /Que há montes, vales, planícies, / Que há árvores, flores, ervas, /Que há rios e pedras, /Mas que não há um todo a que isso pertença³¹.

Ora, na poesia de Caeiro, a forma brutal, porque primeira e ingénua, de dizer a realidade só é possível mediante um desdizer reiterado. A naturalidade com que o poeta tenta dar a sentir a realidade é, sabemos-lo, de uma grande complexidade. Aliás: toda a força do *concreto*, a noção de *exterioridade absoluta*, é uma forma abstrata de ver o real. A ideia de que este heterónimo de Pessoa é uma pessoa simples, sem estudos (apenas com a instrução primária) a viver quase

²⁹ Fernando Pessoa, *Obra Completa de Alberto Caeiro, op., cit.*, p. 235.

³⁰ *Ibid.*, p. 92.

³¹ *Ibid.*, p. 71.

toda a sua vida numa quinta do Ribatejo, corresponde a uma noção romântica de alguém que está próximo do mundo e que fala dele com a pureza devida.³²

Contudo, merece consenso a ideia de que se a biografia do heterónimo de Pessoa mostra a naturalidade e simplicidade do poeta – o que acabará por se espelhar na sua poesia –, nem isso nos demove da convicção de que se trata de um poeta culto e complexo, pois só assim poderá escrever da forma como o faz.

De facto, a pobreza da linguagem que os seus poemas refletem, assim como a “pobreza” dos seus poemas, é a única estratégia possível para dar conta dessa experiência pura que nos quer comunicar. No entanto, para o fazer é preciso dizer e desdizer o que se diz, como se houvesse o perigo de a linguagem nos afastar do imediato da experiência pura. A crítica ao pensar e às ideias; a defesa incondicional do ver imediato, exige uma constante vigilância em relação à própria linguagem e à necessidade de fazer e desfazer o que se vai dizendo. É esse gesto que nos dá a sentir a sua poesia – a “experiência pura”, precisamente. Significa isto que o próprio poeta afina a sua linguagem, quer dizer, tenta dizer, de forma simples, o que é a realidade na sua brutalidade, o que pressupõe um desdizer daquilo que, na linguagem, está a mais ou a menos, pois não é adequada para dizer o que se olha realmente.

As coisas “não têm significação; têm existência”³³. Ora esta existência significa a necessidade de se deixar levar pela “realidade”, pelo “exterior”. Há “a simplicidade natural de ser todo só o meu exterior”, ou seja, a tranquilidade (pois não será isso que todos os poemas de Alberto Caeiro pretendem transmitir?)

³² Para a “história” dos *Poemas* de Caeiro, em particular “Guardador de Rebanhos”, é imprescindível os textos que Ivo Castro, responsável pela edição crítica dos textos de Pessoa, escreveu a este respeito (Cf. Ivo Castro, *Editar Pessoa*, 1990). Desde 1946, altura em que a Editorial Ática publica os poemas de Caeiro, até aos dias de hoje, muito se alterou nos poemas que conhecemos do heterónimo de Pessoa. De várias formas, Ivo Castro mostra como Fernando Pessoa “trabalhou muito nesses textos” (de Caeiro) assinalada, por exemplo, na “admirável cascata de variantes” que podem ser tomadas em consideração.

Também em relação aos vários projetos associados à edição do livro de Alberto Caeiro, deve ler-se o artigo de Pedro Sepúlveda, “O livro de Caeiro”, onde se refere alguns dos projetos de Fernando Pessoa no que se refere à edição dos poemas. Se Pessoa publica alguns desses poemas nas revistas *Athena* (1925, números 4 e 5) e, posteriormente (1931), na *Presença* são constantes as referências aos seus intuitos de publicação. As cartas a João Gaspar Simões, os papéis soltos que se encontram no espólio e outras referências são indicativas desse projeto. Atente-se que se alguns poemas eram tidos como completos desde a sua redação inicial (1914), outros precisavam de uma revisão, “psicológica” antes de serem dados à estampa.

Por fim, uma visão de síntese sobre quem foi o heterónimo Alberto Caeiro e os projetos a ele associado, pode ler-se F. Pessoa, *Teoria da Heteronímia*, 2012, pp. 80-83.

³³ Fernando Pessoa, *Obra Completa de Alberto Caeiro, op., cit.*, p. 66.

nasce ao sentirmos de tal forma que sejamos apenas “exterior”. Se alguma coisa sobressai na poesia de Alberto Caeiro é essa forma de ser/estar tranquilo em relação ao mundo. Compreende-se que isso é o mais “fácil”, no sentido em que há uma forma de estar que nada mais exige senão ver o mundo como um danado. Como diz Caeiro: “Sou fácil de definir / Vi como um danado”³⁴. Por mais estranho que pareça, a única coisa que queremos do mundo é a tranquilidade – a paz com as coisas, o ser inteiramente “exterior”. “O que é preciso é ser-se natural e calmo / na felicidade ou na infelicidade”³⁵. Se a única missão no mundo é a de “existir claramente”, então a tranquilidade só pode ser totalmente “exterior”, quer dizer, saber e sentir que a natureza não tem dentro e saber ver. Como temos a “alma vestida” nem sempre é fácil “saber ver”. Ora, o que será uma alma despida? E como se pode imaginar a nudez da alma?

É verdade que se pode dizer que o mundo poético de Caeiro, feito de pedras, flores, árvores, sol, enfim, mundo da natureza, na sua particularidade e singularidade, não se prende a seres que sofrem ou gozam, mas sim a filósofos loucos, místicos doentes, etc. Que significa este mundo, sem sofrimento nem tragédia, sem dor nem gozo? Que tranquilidade é a de Caeiro se se ausenta destas formas de sentir? De tal forma que chega a dizer num dos seus versos: “Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos outros?”. E acrescenta que se deve aceitar a injustiça com a mesma naturalidade com que uma pedra não é redonda ou um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho.³⁶

Contudo, o mistério reside na *absoluta* e inabalável *exterioridade* do real. Ora, ao falarmos de sensação falamos num sujeito que sente (que tem olhos e ouvidos; nariz, boca e mãos) o que não é, parece-nos, o essencial dos poemas de Caeiro. Sem dúvida que o poeta fala na “ciência do ver” e afirma resolutamente que o seu pensamento são sensações. Mas se o faz é porque não é fácil encontrar uma forma que expresse a sua perspectiva, ou seja, a de se referir à *absoluta exterioridade* do real, essa exterioridade plena e absoluta que gera o espanto e, simultaneamente, a tranquilidade. Um sensacionalista “puro” fica-se pela

³⁴ *Ibid.*, p. 92.

³⁵ *Ibid.*, p. 54.

³⁶ *Ibid.*, p. 116.

sensação. Para Caeiro é o mundo que entra pelos olhos adentro que o prende. É por isso que aquele que interroga está doente.

Nos dias certos, nos dias exteriores da minha vida, / nos meus dias de perfeita lucidez natural, / Sinto sem sentir que sinto, / Vejo sem saber que vejo³⁷.

Assim, antes de sermos “interior somos exterior”, mas tal acontece porque *há exterior* e é isso, precisamente, que eu sou. A sensação só “existe” para provar a força do exterior, daquilo que a sensação não é porque “somos exterior essencialmente”.

Os poemas de Caeiro são poemas que nos fazem sentir o presente, o aqui e agora. O tempo não é propriamente visado, a não ser de forma “natural” e “despercebida”. Como as próprias coisas, vistas tranquila e naturalmente, é preciso sentir a passagem do tempo, ou antes, viver essa passagem de forma tão natural que passa ela própria despercebida.

Passou a diligência pela estrada, e foi-se; / E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia. / Assim é a ação humana pelo mundo fora. / Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos; / E o sol é sempre o sol de todos os dias³⁸.

Por conseguinte o tempo é visto como o que acontece aqui e agora, ou então, o sentir da passagem do tempo, recusando a “recordação” ao considera-la como uma “traição à natureza”. “De nada me serviria estar olhando para outro lado / E para aquilo que não vejo. / Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos”³⁹. Ou então:

A luz é a realidade que está defronte de mim. / Eu nunca passo para além da realidade imediata. / Para além da realidade imediata não há nada⁴⁰.

A forma como se vive o tempo, por aquele que, precisamente, se considera como o “Argonauta das sensações verdadeiras”, é então assente na convicção de

³⁷ *Ibid.*, p. 100.

³⁸ *Ibid.*, p. 68.

³⁹ *Ibid.*, p. 88.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 94.

que os pensamentos são formas de intensificar sensações, quer dizer, de se sentir distraído com o próprio mundo, como alguém que confessa “Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito”⁴¹. É esta intensificação das sensações que o leva a estar em paz com o mundo. “Por isso, se morrer agora, morro contente, / Porque tudo é real e tudo está certo”⁴².

A realidade é de tal forma brutal que se singulariza nessa brutalidade e obriga a encarar de outro modo o tempo. De tal forma que, poderíamos dizê-lo, “anula” o próprio tempo. Assim:

Eu quero só a realidade, as coisas sem presente. / Não quero incluir o tempo no meu haver. / Não quero pensar as coisas como presentes: quero pensar nelas como coisas⁴³.

Estes versos são importantes por vários motivos. Com efeito, não deixa de ser sintomático o reaparecer do “pensar”, ou seja, contrariando o que diz noutros versos (e que nós próprios dissemos) pensar nas coisas como coisas é, apesar de tudo, pensar nelas, o que, repetimos, parece contrariar o “espírito” dos poemas caeirianos. Contudo, o que conta é que a linguagem se mostra insuficiente para dizer isso que pretende ser radicalmente diferente – e que a linguagem nem sempre permite afirmar.

Também a serenidade que se propaga aquando da leitura de Caeiro e que nos preenche é a verdade, provavelmente a grande verdade de todos os seus versos. Porque antes de ler e de compreender o que quer que seja, é a própria linguagem, na sua simplicidade e na sua “naturalidade” que se oferece tranquilamente ao leitor que somos. Se Caeiro não pergunta o que está para além da curva da estrada, porque “não pode ver a estrada antes da curva”, pois jamais se poderá falar da estrada antes de lá estarmos, é essa aceitação serena e tranquila que se transmite metaforicamente. Caeiro estoico? Certamente. Embora não se trate aqui de dor nem nada que se lhe assemelhe. Trata-se de uma forma de estar que vale por si.

⁴¹ *Ibid.*, p. 73.

⁴² *Ibid.*, p. 90.

⁴³ *Ibid.*, p. 112.

A exterioridade absoluta faz com que cada coisa seja o que é, ou seja, mostre a força e a singularidade do existir. Afinal, a tranquilidade que contagia o leitor de Caeiro tem a ver com esta singularidade, a força imediata de cada coisa ser o que é e, por isso, de existir. É este existir, sem mais, sem resto, que mostra a brutalidade do mundo.

O pensar incomoda porque é da na sua natureza ser exigente, quer dizer, não se pensa sem angústia e/ou ansiedade; sem ter um futuro como horizonte. O que Caeiro insiste é justamente, aceitar a realidade tal como é – e é essa a lição mais difícil. Em Caeiro há formas de sentir, como paisagens, que se mostram. Não se trata tão pouco de referir a distinção kantiana entre fenómeno e “coisa em si”. A realidade para Caeiro não é a “coisa em si”, o mundo tal como é. E não o é porque ao referirmos a coisa em si, o númeno, teremos antes de diferenciá-lo do fenómeno. Para Caeiro não há tal duplicidade – o que se mostra é o que é, sem mais.

Apesar de se conhecer as extensas leituras que Pessoa fez de filosofia, em particular quando jovem estudante ao frequentar a Biblioteca Nacional, não é a distinção fenómeno/númeno que se trata na poesia de Caeiro. Não desconhecemos as intenções de António Mora e outras afirmações que se fazem sobre Caeiro no sentido de apurar o seu kantismo, mas não é essa, parece-nos, a questão essencial. No diário de 1906, a 27 de março, Pessoa anota: “Tenho de ler mais poesia, de modo a neutralizar um pouco o efeito da filosofia pura”⁴⁴. E mais à frente, a 20 de abril, também na biblioteca nacional, anota que começou a ler a *Crítica da Razão Pura* na tradução francesa de Barni.

Ainda sobre a exterioridade absoluta e a dificuldade em compreendê-la, detenhamo-nos num dos “poemas inconjuntos” de Alberto Caeiro.⁴⁵ Trata-se do poema que fala do aparecimento da manhã e da forma como isso se dá, acontece, no sujeito que a percebe. Melhor: trata-se de saber se há ou não “sentimento” que possa ligar quem assiste ao facto de “a manhã se extraviar pelos irregulares da planície”. O esforço para que o poema deixe falar essa exterioridade absoluta é notável, embora se tenha que se servir de uma linguagem que o negue – como

⁴⁴ Fernando Pessoa, *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, 2003, p. 33.

⁴⁵ Fernando Pessoa, *Obra Completa de Alberto Caeiro, op., cit., p. 103.*

se a linguagem recusasse, por todos os meios, dizer (e como poderia?) a exterioridade absoluta. No poema que estamos a referir diz-se se vê o espetáculo da manhã, mas o importante é isso mesmo: *ver* esse espetáculo, algo que é exterior ao sujeito e que nenhum sentimento o liga ao suposto espetador. Dir-se-ia que se há espetáculo há espetador; que se há manhã alguém assiste ao seu despontar e que, inevitavelmente, algum sentimento surgirá desse encontro entre um sujeito e um objeto.

O que Caeiro quer relatar, no entanto, é dizer tudo isso para, de imediato, desdizê-lo, ou seja, fala-se apenas da manhã que se *vê*, não tanto do espetáculo ou do “sentimento” que suscita. Caeiro deixa aparecer a exterioridade absoluta pois tudo é absolutamente e eternamente exterior a nós. E se é preciso falar de nós para o dizer é preciso, com mais urgência, dizer que não é isso de que se trata e que a linguagem está a mais nesse dizer. A linguagem está sempre a mais embora só através dela seja possível dizê-lo e compreendê-lo.

Toda a poesia de Alberto Caeiro insiste nesta impossibilidade de a linguagem dizer/ expressar o mundo. Pois, como poderia tal ser possível se cada coisa *coincide absoluta e inteiramente com ela própria*? Se cada coisa é o que é, a linguagem e o pensamento que a permite é uma espécie de corpo estranho que, ao dizer, faz ou torna estranho o que é dito – como se as coisas deixassem de coincidir com elas próprias, aquilo que só o *ver* permite. Ora, o certo é a inevitabilidade de ter que o dizer para que esta impossibilidade da linguagem seja visível. Assim, é a visibilidade da linguagem que perturba (e torna invisível) aquilo que cada coisa é para ela própria, ou seja, apenas a sua absoluta coincidência que só o *ver vê* sem ter que entender/pensar.

O que nos impede de sermos felizes é não ver como se fosse a primeira vez. Tudo o que vemos deixa-se de ver porque nos limitamos a fazê-lo como se o já tivéssemos feito. Deixamos, por isso, de ver. Ora, se fossemos capazes de ver como se nunca tivéssemos visto e se nós próprios fossemos diferentes em cada momento, poderíamos então ser felizes. O cansaço de nós próprios e do nosso olhar impede-nos de alcançar essa felicidade. Como Campos confessa: Recebemos de Caeiro a “materialidade direta dos conceitos da infância”⁴⁶.

⁴⁶ Álvaro Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, 1997, p. 84.

Quando Campos diz que António Mora se esforçou por traduzir a poesia de Caeiro em filosofia e era ele o único que poderia fazê-lo, acrescenta: “Não sei se a filosofia de António Mora será o que seria a de Caeiro, se o meu mestre a tivesse. Mas aceito que seria a filosofia de Caeiro, se ele a tivesse e não fosse poeta, para a não poder ter”⁴⁷. Campos reafirma que a filosofia de Mora é um “corpo diferente” que sai da poesia de Caeiro, pois esta é de tal forma que pode fazer germinar diferentes tipos de filosofia. Contudo, parece-nos fundamental a ideia de que Caeiro não tem filosofia – e não a tem porque é poeta, ou antes, é poeta precisamente por não poder ter uma filosofia. A ideia de Álvaro de Campos é relevante: mais do que a poesia ser substituída por uma filosofia, ou traduzi-la numa linguagem filosófica, a poesia de Caeiro é de tal forma inovadora que não pode ter uma filosofia. Aliás é poesia justamente devido a essa impossibilidade. Como tantas outras vezes, em que se fala do poder de interpretação dos heterónimos e do próprio Pessoa sobre quem foi e o que fez o Mestre, estamos aqui em presença de uma ideia capital.

Referências

CAMPOS, Álvaro, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*. Org. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

CASTRO, Ivo, *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

COELHO, Jacinto de Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1987.

HELENO, José Manuel, *A experiência sensível. Ensaio sobre a linguagem e o sublime*. Lisboa: Fim de Século-Edições, 2001.

NISHIDA, Kitarô, *Indagación del bien*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 55.

PESSOA, Fernando, *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Ed. Richard Zenith. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

PESSOA, Fernando, *Teoria da Heteronímia*. Ed. Fernando C. Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio e Alvim, 2012a.

PESSOA, Fernando, *Prosa de Álvaro de Campos*. Ed. Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Lisboa: Ática, 2012b.

PESSOA, Fernando, *Obras Completas de Alberto Caeiro*. Ed. Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china, 2016.

SEPÚLVEDA, Pedro, “O Livro de Caeiro”, disponível em <https://novaresearch.unl.pt/files/4112697/>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Referência para citação deste artigo

HELENO, José Manoel. Alberto Caeiro: da experiência à tranquilidade. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 2, p. 85 - 102, 2022.